



“Que tipos de baleias eles podem matar”? Gerar parentesco, tecer a vida porosa.

Ana Carolina Sampaio Coelho¹

Resumo

O presente trabalho propõe uma análise do poema “Mãe Terra: suas baleias”, do poeta *beat* Gary Snyder, presente na obra “Turtle Island” (1974). No poema, Snyder profere uma crítica feroz aos governos que continuamente operam um profundo massacre da vida não humana no planeta, protegidos pelo silêncio conivente da sociedade civil. Há décadas, em seus poemas, ensaios e no exercício como ativista ambiental, Snyder reafirma seu compromisso com o cuidado da natureza selvagem e o mundo natural. Investigaremos como as questões suscitadas pelo poema e o pensamento de Snyder podem ser lidas a partir das discussões propostas por Donna Haraway no livro *Staying with the trouble* (2016) e de suas proposições como “gerar parentesco” com “espécies companheiras” e ainda a ideia de “viver e morrer bem”. Assim como Snyder, Haraway possui as questões climáticas urgentes do nosso tempo como um dos eixos centrais de seu trabalho e, numa conversa afinada com o trabalho do poeta, também propõe questões como: “o que é o não-humano que importa”? E ainda: como inventar outras potências de viver? Discutimos como a ideia de uma “vida porosa”, apresentada por Snyder, dialoga com as proposições de Haraway de “devir-com” as vidas humanas e não humanas, resistindo sempre à tentação de resolver conflitos ou o estabelecimento de verdades, mas criando condições para que as diferenças possam coexistir, ampliando a multiplicidade e heterogeneidade do mundo. Ampliamos essa discussão num diálogo com o pensamento de Fernand Deligny, Deleuze e Gatarri e suas proposições com as imagens de rizomas e a vida em comunidade. Este trabalho investiga como esses autores propõem modos de viver junto com “respons-habilidade”, numa ética do cuidado com a vida humana e não humana.

Palavras-chave: Gary Snyder; Donna Haraway; espécies companheiras; antropoceno

¹ Possui pós-doutorado em Literatura (UFSC) e doutorado em Comunicação Audiovisual (USAL). Atualmente é professora no Departamento de Letras (UNIRIO), onde desenvolve o projeto de pesquisa “Comunidades companheiras, bordas indisciplinadas: entre redes, tecnologias e aprendizagens”.

Abstract

The present discussion proposes an analysis of the poem “Mother Earth: your whales”, written by the beat poet Gary Snyder, in his book “Turtle Island” (1974). In this poem, Snyder denounces the massacre of non-human life on the planet, with the silent consent of civil society. For decades, in his poems, essays, and work he identified himself as an environmental activist, Snyder has reaffirmed his commitment to caring for the wild and the natural world. I will investigate how these issues are mainly introduced in this poem taking into consideration few concepts proposed by Donna Haraway such as “generating kinship”; “companion species” and also the idea of “living and dying well”. Both intellectuals are concerned about climate change. In the case of Snyder, the theme is central. He also proposes questions such as: “why the non-human matters”? How can we create other powers of living? I will also discuss how the idea of a “porous life” is introduced by Snyder, and demonstrate how his perspectives are reflected by Haraway’s contemporary propositions of “becoming-with” human and non-human lives. I will conclude this discussion by taking into consideration the thought of Fernand Deligny, Deleuze and Gatarri and their concepts on rhizomes and life in community, ethical responsibility and , in an ethics of care for human and non-human life.

Key-works: Gary Snyder; Donna Haraway; companion species; Anthropocene

Introdução

“A rede é um modo de ser” (2015, p. 15), aponta Fernand Deligny, etólogo, psicanalista, poeta e pedagogo, responsável por construir na década de 1960, na região de Cévennes, sul da França, um potente espaço de convívio e investigação do modo de ser que nomeia como “aracniano”.² Para ele, a observação da natureza e, mais especificamente, da atividade animal, portanto, de seres a-conscientes, são fundamentais para pensar nosso modo de estar no mundo. Seu trabalho não invasivo no cuidado e compartilhamento da vida com crianças autistas ou “crianças à parte”, como prefere, sugere potentes caminhos que fabulam processos de aprendizagem na possibilidade rizomática do contágio da rede.

² No final da década de 60, Fernand Deligny e outras “presenças próximas” constroem em Cévennes, na França, um espaço de convivência e acolhimento para crianças autistas. Esse modo aberto, plural e rizomático ele denominou “rede aracniano”, numa ressonância com a ideia que aparece no texto “O aracniano”, de que a rede é um “modo de ser”.

Gary Snyder³ (2005) apresenta de muitos modos em seus poemas e em seu pensamento um modo de “viver em rede” tal como Fernand Deligny (2015) discorre em “O aracniano”, no entanto ele o faz a partir do modo como vê o homem em suas relações com os animais e as plantas. A partir daí, Snyder também trama uma rede ao perceber “a natureza selvagem” sem uma tentativa de domesticação, ao desbancar a concepção do animal “homem-que-nós-somos” como um ser superior em relação aos outros animais e o reino vegetal. Ele nos incita a criar um modo de re-habitar o mundo, como por exemplo no poema “o que você devia saber para ser poeta”, onde se lê: “tudo o que puder sobre animais como pessoas. Nomes de árvores e flores e ervas daninhas. Nomes de estrelas e o movimento dos planetas e da lua” (2005, p. 103)

Interessa-nos investigar de que modo estão representados os imaginários da natureza e da “vida selvagem” na leitura crítica que Snyder faz dos rastros da presença do homem na natureza e sua pretensa relação de superioridade em relação aos outros animais e ao reino vegetal, presente, por exemplo, no poema “Mãe Terra: suas baleias”, da obra *Turtle Island* (1974). No poema, Snyder profere uma crítica feroz aos governos que continuamente operam um profundo massacre da vida não humana no planeta, protegidos pelo silêncio conivente da sociedade civil.

Para o poeta, a “vida selvagem” se apresenta como um mapa aberto onde não há nenhuma trilha, decalque ou tentativa de controle. Ela se mostra aberta às brechas, às falhas, entre as múltiplas linhas do agir, num modo de ser em rede, aracniano por excelência. A rede parece ser um modo de pensar a aprendizagem nesse modo ser em rede, para que esta não desapareça ou acabe em instituição, como aponta Deligny.

Aqui buscamos estabelecer uma contraposição entre os tempos e processos da máquina e toda a ideia subjacente de progresso que se faz presente e o tempo e modo de organização das plantas e rizomas. Para tanto, aproximaremos a obra de Snyder ao trabalho de Donna Haraway⁴ (2021). Snyder e Haraway compartilham simbolicamente a ideia de que todos devem compreender o seu pertencimento ao mundo natural e apontam com muita veemência o viés econômico e da questão climática. Haraway propõe o termo capitaloceno como uma alternativa à expressão “antropoceno”, dando

³ Poeta Beat, zen-budista, ativista ambiental e antropólogo

⁴ Donna Haraway é professora, pesquisadora, escritora e transita estudos de filosofia política, feminismo, ética e história das ciências.

centralidade ao capitalismo predatório como agente de criação do grande deserto que o planeta vem se tornando. Além de Snyder e Haraway, recorremos também ao pensamento de Fernand Deligny (2015), Félix Guatarri e Gilles Deleuze (2000) e ainda à observação das margens porosas e “bordas indisciplinadas” dos cogumelos, proposta pela antropóloga Ana Tsing (2015).

“A rede é um modo de ser”: mapa e vida selvagem

Como a imagem da rede, tão presente na organização das plantas e na vida animal nos ensina sobre conexão e interdependência? Em sua gênese, a rede pode sustentar um pensamento voltado para gestos inacabados, para a ciência nômade, dispostos à criação de dispositivos alegres, acasos e processos de abertura se ela mantém a abertura para as brechas e desvios, tal como indica Deligny: “o único suporte que possibilita a rede é a brecha, a falha” (2015, p.30) A observação das plantas e princípios rizomáticos podem nos indicar caminhos para uma aprendizagem também aberta, essencialmente cartográfica e avessa ao decalque e toda ideia de cópia e reprodução? A partir da observação dos caminhos “fora da trilha” indicados por Gary Snyder na sua vida em comum com a vida selvagem, buscamos aqui engendrar uma cartografia de uma aprendizagem aberta, plural e múltipla.

Gilles Deleuze e Félix Gatarri (2002) recorrem à botânica, recuperam o conceito de rizoma e a partir dessa imagem propõem um modo de resistência ético, político, contrário ao fechamento e à condução ao Uno. E indicam, assim como nos princípios rizomáticos: “fazer o mapa e não o decalque” (2002, p.44). Aqui nos referimos especificamente ao que eles sugerem como ideia de mapa, um movimento aberto, baseado no movimento, fluxo e novas formas de vida. O mapa, nessa proposição de Deleuze, não se volta a si mesmo, mas é uma representação “inteiramente voltada para uma experimentação ancorada no real, na ação. O mapa não reproduz o inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói” (2000, p. 22). O mapa seria, portanto, um movimento inventivo, sempre aberto, em processo, movente e libertário.

Desde 1960, portanto num tempo contemporâneo ao Deligny, Gary Snyder propõe, como num mapa aberto, uma ideia de “re-habitação” muito próxima a esse “modo de ser em rede”, portanto, avesso ao decalque. Ele abre caminhos para uma

aprendizagem que se configura “fora da trilha”, reunindo coisas como a matemática e a música, a meditação, o zen, o alpinismo, etc. A verdadeira riqueza, em Snyder, é não precisar de nada, como indica, é numa “rede de forças” (2005, p. 197) e em contato com a vida das plantas e de nossa animalidade ancestral, a dos atos concretos simples, que se poderia traçar essa rede livre, plural, múltipla, numa espécie de saúde ecológica total. Ele anota:

Somos livres para encontrar nosso próprio caminho
Sobre pedras – por entre as árvores –
Onde não há nenhuma trilha. O cume e a floresta
Se apresentam aos nossos olhos e pés
Que decidem por si mesmos
Em sua sabedoria ancestral de ir
Aonde a vida selvagem nos levará. Nós já
Estivemos aqui antes. É de algum modo mais profundo
Do que seguir por sendas que dispõem algumas rotas
Às quais você se apega.
(SNYDER, 2005, p. 167)

Nesse poema “Fora da trilha” aparece uma ideia bastante recorrente em todo o seu pensamento, presente em poemas e ensaios: “a vida selvagem”, essa que se manifesta num campo aberto de possibilidades, “onde não há nenhuma trilha”, decalque ou tentativa de controle e nossos olhos e pés decidem por si mesmos em sua “sabedoria ancestral”. Em muitos momentos, Snyder parece indicar que o homem está imerso no esquecimento desta sabedoria, parece tomado por uma cegueira dos caminhos que o conectam à vida selvagem. O homem haveria se distanciado da sua condição de inteireza, “somos livres para encontrar nosso próprio caminho” e se tornado “apegado” a seguir por sendas que dispõem algumas rotas.

É interessante nos aproximarmos ao pensamento de Snyder a partir desses dois conceitos, a rede e a vida selvagem, pois elas se entrelaçam e compõem um modo próprio de composição de percursos. E eles se dão a partir das falhas, numa forma de encontrar seu próprio caminho, o da mistura e entrelaçamento. Logo no início do ensaio Aracniano (2015), Fernand Deligny aponta: “a rede é um modo de ser”. E mais na frente, complementa: “os acasos da vida fizeram com que eu vivesse mais em rede do que de outro modo”. Deligny afirma que a aranha – por isso o termo “aracniano” - é uma imagem que se projeta para identificarmos o fazer sem intencionalidade ou, para

usar uma expressão sua, o animal ao tecer a sua teia não age como um “projeto pensado” e não se encontra preso às “linhas do fazer”, mas se rende ao saber próprio do movimento sem intenção e projeto. Ele diz:

Onde se encontra o projeto da teia de aranha? Como não se trata de um querer fazer, de um projeto pensado, desaparece a necessidade do projeto. O que não impede a teia de existir, a teia e muitas outras coisas ainda mais estupefantes; coisas assim se encontram em todas as páginas de *Architecture animale*. (2015, p.36)

A partir do seu “método cartográfico”, Deligny anotou dois modos de percurso: as “linhas do agir” e as “linhas do fazer”. Enquanto o “fazer” designa uma atividade com objetivo e um pretenso fim, o “agir” se refere a uma atividade sem objetivo ou razão e é essa radicalidade que diferencia os sujeitos conscientes de si e as crianças autistas, por exemplo. O trabalho de Deligny questionou a disciplina psiquiátrica da época, educação, psicanálise e a primazia da linguagem na forma de organização do nosso pensamento. Podemos dizer que se tratava de uma antipedagogia, orientada por uma pergunta: como podemos construir um espaço comum com aqueles que pensam e organizam a vida de modo radicalmente diferente de nós?

Fernand Deligny e Gary Snyder nos propõem caminhos que estão além do mapa, estão à margem de um sistema que busca, de tantos modos, normatizar, controlar, viver sob a lógica de um “projeto pensado”, tal como o termo que Deligny sugere. Snyder indica: estamos fora da trilha, imersos nas linhas do agir, onde não há rota traçada. Ele escreve a partir da vida selvagem, ou de um modo muito próximo à floresta, numa busca por estabelecer essa costura, uma rede com o que há de selvagem ao redor, isso se apresenta de modo radicalmente contrário a todo projeto bélico e violento engendrado pelo homem na sua relação de domínio e poder em relação a outros animais e ao reino vegetal.

Essa proposição aberta para o tempo das plantas e dos movimentos da natureza encontramos também em “Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras”, da antropóloga Ana Tsing (2015), que nos sugere “criar comunidades com outras espécies”. A partir da observação das margens porosas e “bordas indisciplinadas” dos cogumelos, Tsing propõe que olhemos para as paisagens

multiespécies para entendermos mais sobre a ausência de controle e domesticação, algo bem próximo ao projeto de uma vida de Deligny:

E se imaginássemos uma natureza humana que se transformou historicamente com variadas teias de dependência entre espécies? A Natureza humana é uma relação entre espécies. Longe de desafiar a genética, um recorte interespecífico para nossa espécie abre possibilidades de linhas de pesquisa tanto biológicas quanto culturais. É preciso entender mais, por exemplo, sobre as variadas teias de domesticação nas quais nós humanos nos enredamos. (TSING, 2015, p.184)

Há inúmeras possíveis aproximações entre o trabalho de Tsing, Deligny e Snyder . No poema “Prece à grande família”, Snyder (2005) evoca a Grande Mãe, as Plantas, Ar, Seres Selvagens, as Águas, o Sol e o Grande Céu, como numa prece, repetindo sempre no último verso: “que assim seja”. Ele diz: “Gratidão à Mãe Terra, que navega noite e dia – a seu solo: rico, raro e doce”, em seguida, “gratidão aos seres selvagens, nossos irmãos e irmãs, que ensinam segredos, liberdades e caminhos, que compartilham conosco seu leite, íntegros, corajosos e atentos” e segue numa referência a cada ser. Snyder, como já foi pontuado, escreve da perspectiva de “dentro”, e olha para os seres selvagens com a mesma reverência que o faz ao ar e às águas. Não há em seus poemas e ensaios a palavra associada a uma ideia de domesticação, e, portanto, de controle e poder.

De outro modo, mas ainda muito próximo ao Snyder, Deligny tece a rede que se compõe no seu convívio com crianças autistas. “Respeitar o ser autista não é respeitar o ser que ele seria na condição de outro; é fazer o necessário para que a rede se trame” (2015, p.109), afirma Deligny. E continua a ideia, dizendo que o necessário trata-se justamente de “nada fazer”, mas permitir que a rede se faça, apenas não interferindo na costura dos acasos, encontros e desencontros no mapa que se desdobra na sua frente. Ao propor um espaço onde era possível viverem juntos de acordo com os seus próprios desejos, Felix Guatarri (1995) defende que o trabalho de Deligny engendrou uma “economia coletiva” de desejo articulando “pessoas, gestos, circuitos econômicos e relacionais.” Deligny pôs em movimento o desejo de um “modo de ser”, nas tramas do fiar de uma rede, do estabelecimento das bases de uma vida em comum, esse desafio imenso.

O modo de “ser em rede”, a possibilidade aberta de vida que Deligny proporcionou na sua experiência radical em Cevennes, a não violação da linguagem dessas crianças e a recusa da tentativa de interpretá-las, diagnosticá-las, dá a ver a potência de experimentações à margem das instituições. Conseguiríamos tramar uma rede onde a vida de algumas pessoas não seja menos relevante que a de outras? Ou ainda: que a vida de um rio não seja indiferente a ninguém? Como colocar em movimento a proposição de Tsing e criar “comunidades com espécies com outras espécies”, transitar no território da diferença sem tentativa de domesticação? “Não tentar esclarecer seus mistérios”, orientação – conselho de Deligny para propor a distância e mínima interferência que cada um pode fazer à rede. Escreve aquele que afirma que foram os acasos, as linhas do agir, sem projeto pensado, que o fizeram com que estivesse mais “em rede” na vida que de outro modo.

A noção de comunidade se institui como uma ética da vida em toda a obra de Gary Snyder, como fica presente em seu artigo “Vivendo ao ar livre” (1991), quando afirma que a necessidade foi a professora que finalmente lhe mostrou de que modo viver como parte da “comunidade natural”. A “re-habitação” que Snyder refere-se passa invariavelmente pela noção da construção de uma comunidade e aí está implícito a noção de porosidade. Ele diz:

Tudo se resume em como a pessoa encara grades, cercas ou cachorros, frequentemente usados para manter a vida selvagem à distância. (“Manter a vida selvagem à distância” soa como afastar falcões e ursos, mas é, mais comumente, uma questão de evitar formigas carregadeiras e ratos veadeiros). Passamos a levar uma vida permeável, porosa, em nossa casa construída entre os grupos de carvalhos e pinheiros. (1991)

A vida permeável só é possível se está aberta e disposta para o contato, para viver esse lugar do “entre”, numa abertura para o outro. E para Snyder esse “outro” não se resume à espécie humana, mas como o poema “Prece à grande família” indica, essa porosidade se estende também ao ar, à água, ao sol, por exemplo. Vemos em grande parte dos poemas e textos de Snyder a presença do sentido de comunidade e conexão com o lugar que ocupa e uma profunda consciência da relação de interdependência entre a natureza. Snyder escreve a partir de um lugar que vem da floresta, mas também da compreensão de que não há superioridade entre um coiote, um rio ou uma andorinha. O

laço que caracteriza as relações de Snyder com o lugar em que vive é baseado numa ética e respeito entre o humano e não humano, pois ele sabe que “a vida biológica do planeta está perturbada” (2005, p.255) e ainda: “todas as criaturas vivas são atores iguais no divino drama do despertar” e “eles não são diferentes” (p.255).

Talvez esse ainda não seja um modo de ir além da dicotomia entre o selvagem e o civilizado, tal como busca identificar Snyder em “Vivendo ao ar livre”, mas entendemos que podem ser percebidos como proposições de trilhas possíveis na criação de novas formas de subjetivação e de organização do mundo, da nossa tentativa de viver um “modo de ser em rede” ou outro modo de dizer também: uma re-habitação.

“Que tipos de baleias eles podem matar”? Heterogeneidade e parentesco

Assim como Snyder, Donna Haraway possui as questões climáticas urgentes do nosso tempo como um dos eixos centrais de seu trabalho e, numa conversa afinada com o trabalho do poeta, também propõe questões como: “o que é o não-humano que importa”? E ainda: como inventar outras potências de viver? A ideia de uma “vida porosa”, apresentada por Snyder, dialoga com as proposições de Haraway de um “devir-com” as vidas humanas e não humanas, resistindo sempre à tentação de resolver conflitos ou o estabelecimento de verdades, mas criando condições para que as diferenças possam coexistir, ampliando a multiplicidade e heterogeneidade do mundo.

O poema “Mãe Terra: suas baleias”, de Snyder,⁵ originalmente publicado em 1974, portanto há quase 50 anos, já fazia alusão ao “uso soberano dos Recursos Naturais” realizado no país: “O Brasil diz: “uso soberano dos Recursos Naturais” / Trinta mil tipos de plantas desconhecidas. As pessoas reais vivas da selva vendidas e torturadas. E um robô de terno que vende uma ilusão chamada “Brasil” pode falar por eles?” O poema indica problemas absolutamente atuais. Os robôs de terno, os ministros do meio ambiente, podem decidir sobre o presente/futuro da floresta Amazônica? Ao longo de todos os ensaios de “Re-habitar” (2005), Snyder defende que todos os seres devem receber a mesma proteção do Estado. E esses direitos passam, portanto, por

⁵ Aqui tomamos a tradução do poema feita por André Mendo e disponível em:
<https://escamandro.com/2018/11/21/gary-snider-por-andre-mendo/> Acesso em: 20/10/2021.

entender que a natureza não é um “recurso”, que pode ser ‘usado’, comercializado, como um objeto com uma finalidade comercial.

Haraway e Snyder se colocam contrários a toda a “fé ingênua no progresso” e na expansão de um sistema econômico e político pautado no domínio, controle, aniquilação das vidas não humanas. Seus trabalhos indicam como a atitude predatória acontece com a conveniência da sociedade civil e do mercado. Haraway (2021) sugere um devir-com vidas humanas e não humanas e propõe que tentemos resistir à tentação de resolver conflitos e verdades contraditórias de existir. Ela diz: “há que aceitar e coexistir com as necessárias polêmicas, criando condições, aberturas, e num diálogo com Snyder, criando “porosidades”, para que as diferenças possam coexistir e permanecerem em interconexão, ampliando a diversidade, com “respon-habilidade”. Ela diz: “quero convencer meus leitores de que, enquanto habitantes da tecnocultura, é nos tecidos simbiogenéticos da natureza-cultura que nos tornamos quem somos, nas narrativas e nos fatos”. (2021, p. 20)

Voltamos ao poema de Snyder; “As baleias giram e reluzem, mergulham e assoviam e sobem de novo / suspensas sobre profundezas sutilmente escurecedoras / Fluindo como planetas que respiram / em espirais espumantes de luz viva (...) Uma grande nação budista / pinga metilmercúrio / como gonorréia no mar”. E a pergunta: “Será o homem o mais precioso de todas essas coisas”? Todo o poema de Snyder é um exercício do que Haraway (2021) aponta que é preciso aprender a não ser você mesmo e operar sobre as contingências. Snyder dá visibilidade às baleias e a todos os seres que habitam o oceano. Não, o homem não é o mais precioso de todas as coisas e o poema de Snyder ressoa também com a ideia de uma filosofia da compostagem, da heterogeneidade, buscando gerar parentesco, cuidando da demanda.

De muitos modos, o pensamento de Haraway diz: é preciso aprender a se importar com o mundo. A vida de Snyder é um testemunho de uma vida em coexistência com a vida não humana. Retornamos ao poema de Snyder: “Os robôs argumentam como distribuir nossa Mãe Terra / Para durar um pouco mais / como abutres batendo as asas / arrotando, gorgolejando/ ao lado de um Alce moribundo”. Robôs, mulheres e homens, alienados da sua condição selvagem, podem aprender com as baleias, que despontam afinadas com a beleza e fazem poemas com a existência.

No texto de apresentação da coletânea Re-habitar, Luci Collin (2005) afirma que Snyder assume uma “posição radical contra o consumismo absurdo e a destruição ambiental que norteia o mundo contemporâneo”. (p.12) Assim, para investigar como seu trabalho se projeta contra o culto ao progresso e aos valores que nos trouxeram até esse abismo e catástrofe ambiental, é importante percebermos como a busca desenfreada por uma lógica desenvolvimentista atende aos anseios de uma ilusão moderna.

Observarmos o distanciamento que a vida moderna foi imprimindo na relação com o tempo e ciclos da natureza é um bom modo para identificarmos as rupturas que devem ser superadas e transcendidas se quisermos nos aproximar novamente de algum pretenso equilíbrio na relação com a natureza. É lugar-comum dizermos que na modernidade o sujeito passou a adotar o tempo da máquina. O trabalho mediado por máquinas e a revolução industrial rompeu com a relação que o homem tinha até então com o trabalho artesanal. A atividade laboral torna-se mecanizada, fragmentada e automatizada. Com os desdobramentos do capitalismo no contexto do século XIX e início do século XX, o trabalho passou a atender cada vez mais a lógica do lucro e aos valores do mercado.

Afastados do tempo cíclico da natureza e da sabedoria que reside nesse compasso de espera entre uma floração e outra, entre o inverno rigoroso e o tempo de sentir os raios do sol, esquecemos que somos também bichos, animais pautados pelo tempo de nascer e morrer e todos os processos inerentes à vida. Não por acaso, Snyder sugere no seu ensaio “Quatro mudanças e um pós-escrito” que devemos “criar nossos filhos como parte da vida natural” (2005, p.1999) e que é indicado “conhecer a fundo o arcaico e o primitivo como modelos de culturas básicas relacionadas à natureza – bem como as extensões mais inventivas da ciência – e construir uma comunidade onde esses dois vetores se cruzem”. (p.200)

Neste ensaio em que aponta mudanças, Snyder sugere conhecer o arcaico, uma volta ao passado, pois não existe mudança num porvir sem um retorno à natureza. Essa seria, portanto, a saída para tamanha alienação da nossa condição de seres da natureza: a tomada de consciência de que não pertencemos ao processo de maquinização do mundo. Esse entorpecimento a que estamos todos em alguma medida submetidos não pode e não deve ser normatizado. Os poemas de Snyder e a força do pensamento de Donna

Haraway mostram os cacos dessa destruição e fabulam possíveis caminhos - luminosos- e “fora da trilha” como linhas de escape e reconfiguração desse nosso modo de habitar o mundo.

Considerações finais

O imaginário da natureza presente em todo o pensamento e obra de Gary Snyder traduz a compreensão da profunda interconexão e interdependência que os seres humanos possuem com a floresta e os animais ou a “vida selvagem”, tal como aparece em alguns de seus poemas. De modos distintos, Donna Haraway, Fernand Deligny e Ana Tsing, também comungam dessa “rede de forças” e um modo de “ser em rede” que persiste conectando a espécie humana e o seu entorno. A proposição da ideia de uma “re-habitação”, desenvolvida por Snyder, se desenvolve sempre nessa condição de “entre”, tal como aponta Tsing, na construção de uma comunidade com outras espécies. A “re-habitação” passa, portanto, pela incorporação de um modo de vida “poroso” e de “bordas indisciplinadas”.

A vida selvagem só se apresenta quando implodimos toda ideia de mapa e nos propomos a “fazer o mapa e não o decalque”, como sugerem Deleuze e Guatarri (2000). E na ausência de um mapa, na natureza selvagem, fora da trilha, não há território e espaço para controle e domesticação, mas o respeito pelo movimento de criação: descentralizado, aberto, sem condução ao “uno”. E aqui cabe pensar na construção de uma rede de aprendizagem aberta, plural, onde os saberes dos povos ameríndios podem con-viver com a música e a meditação, por exemplo. Desarmar as estruturas bélicas tão enraizadas no imaginário do ocidente e estabelecer um modo de convívio dialógico, aberto para o pensamento dos animais e com os animais é uma trama tecida em cada verso e ensaio de Snyder. A lógica do capital, da desumanização dos lugares e da vida em comunidade é a raiz e causa dos desastres ecológicos apontados em poemas como “O comércio”, onde lemos: “Me vi dentro duma grande concha concreta, iluminada por lâmpadas de vidro, com ar bombeado dentro, com pavimentos ligados por escadas rolantes (...) trocando seu precioso tempo por coisas” (2005, p.107). O final do poema não aponta apenas para a lógica do consumo, mas escassez da moeda de troca – o tempo

– da vida domesticada nos centros urbanos em detrimento da vida possível de um modo poroso, numa “re-habitação” entre as “paisagens multispécies”.

Referências

DELEUZE, G & GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2000.

DELIGNY, F. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1 edições, 2015.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

SNYDER, G. **Re-habitar** – Ensaios e poemas. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

_____. **Turtle Island**. Nova Iorque: New Directions, 1974.

TSING, A. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177-201. ISSN 2175-8034. 2015. Recuperado em 20 set 2010, de:
[<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n1p177>](https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n1p177).